

# Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras

## Diná Marques Pereira Araújo

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5368871997608892>

E-mail: [librario2017@gmail.com](mailto:librario2017@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-255X>

## Fabricio José Nascimento da Silveira

Doutor em Ciência da Informação pelo (PPGCI/UFMG).

Professor do curso de graduação em Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8840124188505402>

E-mail: [fabrisilveira@gmail.com](mailto:fabrisilveira@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0446-3913>

Data de submissão: 28/02/2023. Data de aprovação: 05/03/2023. Data de aprovação: 22/09/2023.

## RESUMO

O presente artigo sintetiza parte das discussões desenvolvidas em uma pesquisa de doutoramento que se inscreve no campo dos estudos histórico-bibliográficos, cujos objetos de análise são bibliografias de temática brasileira. O propósito é investigar a presença de mulheres escritoras nessas bibliografias visando identificar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita. Em face disso, defende-se que pesquisar a memória escrita a partir das brasileiras oportuniza trazer à cena mulheres que têm sido apagadas da historiografia e da memória bibliográfica, resgatando suas histórias e produções sobre o Brasil. Em sua dimensão teórica, o trabalho dialoga com perspectivas multidisciplinares, as quais abrangem estudos sobre a Bibliografia e a História Cultural das Mulheres. Em termos metodológicos, trata-se de uma análise bibliográfico-documental centrada em identificar mulheres escritoras. Por se tratar de uma pesquisa em curso, os resultados consistem na apresentação das bibliografias selecionadas, do levantamento dos dados referentes ao quantitativo de mulheres escritoras e em reflexões iniciais acerca desses marcadores quali-quantitativos.

**Palavras-Chave:** bibliografia; bibliografia brasileira; história cultural das mulheres; mulheres escritoras.

## INTRODUÇÃO

No início do século XX, em uma Inglaterra misógina que não aceitava mulheres nas universidades e nem no mercado de trabalho, cujo contexto de baixa instrução e submissão à dominação masculina alimentava, entre outros aspectos, a exclusão cultural das mulheres, Virginia Woolf proferiu, no ano de 1928, duas palestras para a sociedade das artes nas quais refletia sobre sua procura por mulheres escritoras nas bibliotecas da Inglaterra e sobre sua indignação com o diminuto número de textos de autoria feminina. As palestras, publicadas como ensaio no ano seguinte, receberam o nome de *A room of one's own*. Destacando as condições sociais que estruturavam a exclusão da mulher do circuito da cultura escrita, Woolf demarcava, sobretudo, que a história das mulheres precisava ser reescrita, razão pela qual acenou para o seguinte questionamento: “por que não acrescentar um suplemento à história? chamando-o, é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?” (Woolf, 1985, p. 19). Como pode ser percebido, as provocações da romancista inglesa enfatizam sua aguçada ironia analítica diante de um sistema que insistia em inferiorizar o lugar, o pensamento, a vida, o corpo e a escrita da mulher.

Ao evocar as palestras de Virgínia Woolf publicadas há quase um século, o presente trabalho, que se inscreve no campo dos estudos histórico-bibliográficos, estabelece como propósito analisar a presença de escritoras em bibliografias de temática brasileira tendo-se em vista: (a) mapear bibliografias dedicadas à temática brasileira que repertoriam documentos gráficos antigos<sup>1</sup>; (b) identificar e quantificar, nas bibliografias selecionadas, escritoras e obras por elas publicadas; (c) identificar características da escrita bibliográfica e o lugar destinado às escritoras nas bibliografias selecionadas; (d) demonstrar de que forma as bibliografias brasileiras operam e articulam a presença de mulheres escritoras.

Além de demarcar a relevância dos estudos histórico-bibliográficos para os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, assinala-se que a pesquisa sobre escritoras e bibliografias brasileiras pode ser capaz de revelar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita, oportunizando trazer à cena mulheres que têm sido apagadas da historiografia sobre a cultura escrita no e referente ao Brasil. De forma correlata, entende-se que o trabalho em curso pode ser capaz de fomentar novas investigações acerca da formação, salvaguarda e divulgação dos acervos bibliográficos de memória no país.

Em face disso, ao tensionar a escrita bibliográfica a partir da problematização da presença de mulheres escritoras em bibliografias brasileira, este artigo acena para um ato político a partir do qual se compromete em ler as bibliografias não apenas pelo que elas repertoriam, “[...] mas [pelo] que falta e o que deveria estar [...]” (Duarte, 2011, p. 241) em suas linhas e entrelinhas. Por conseguinte, a pesquisa a seguir desenvolvida constitui-se em uma tentativa de refletir, entre outros pontos, sobre a escrita bibliográfica enquanto possibilidade de reconstituição histórica da escrita feminina.

## MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Para a concretização das proposições acima delineadas, buscou-se estabelecer um diálogo teórico-conceitual com autoras e autores que discutem tanto a História Cultural das Mulheres quanto os fundamentos da Bibliografia e a especificidade das bibliografias brasileiras. Conforme se evidenciará, nosso estudo compreende a Bibliografia como disciplina, mas, também, como ferramenta capaz de anunciar os modos e estratégias por meio dos quais o conhecimento é construído, organizado e difundido em cada sociedade, lançando luzes sobre as injunções de forças responsáveis por dar visibilidade a certas obras e autores(as), ao mesmo tempo que outros(as) são apagados(as) e silenciados(as).

<sup>1</sup> Para a pesquisa foi definido que os documentos gráficos antigos são aqueles que datam de mais de 100 anos de publicação.

Dinâmicas e relações de poderes denunciadas há longo tempo por historiadoras e historiadores que investigam o lugar atribuído e ocupado pelas mulheres no contexto da cultura escrita (Algranti, 2004; Duby; Perrot, 1993, 1995; Perrot, 1988, 2007; Scott, 2011).

## MULHERES E CULTURA ESCRITA

Em vários de seus escritos, Michelle Perrot (1988, 2007) manifesta que a história das mulheres é atravessada por silêncios e esquecimentos milenares. De acordo com essa autora, a invisibilidade da mulher dá-se, primeiramente, pela condição social a qual foi destinada: à reclusão do espaço familiar, longe da vida pública. A isso se soma o fato de que a transição para o espaço público – do lar de seus pais para um novo lar –, impôs às mulheres o uso do sobrenome do homem: “[...] os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (Perrot, 2007, p. 17).

De forma correlata, “o silêncio das fontes” configura-se em outro fator de apagamento das mulheres na História. Seja porque elas, devido a um grande conjunto de condicionantes sócio-históricas, deixam poucos registros, posto que, no geral, a atenção que observadores e cronistas, em sua grande maioria masculinos, “[...] dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (Perrot, 2007, p. 17). Por conseguinte, essa obscuridade das mulheres corporifica-se na “[...] dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas” (Perrot, 2007, p. 17) nas quais as obras produzidas por mulheres são “[...] imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2007, p. 17). Não sem razão, a História Cultural das Mulheres só começou a se desenvolver tardiamente, primeiro:

[...] na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular (Perrot, 2007, p. 19).

Esse advento desencadeou uma grande produção sobre as mulheres em diversas áreas do conhecimento. Assim, “[...] das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (Perrot, 2007, p. 22). Não obstante, é preciso demarcar que “essas mulheres faladas” correspondem, em sua maioria, à mulher branca, europeia, anglo-saxá e norte-americana. Discurso hegemônico que, paradoxalmente, elege a imagem de um sujeito feminino universal, silenciando outras tantas vezes como as das mulheres negras, latinas, indígenas, aborígenes etc. Não por acaso, um grande contingente de textos sobre as mulheres prioriza personagens célebres, agenciando uma narrativa unívoca e linear.

Entretanto, a história das mulheres “[...] não requer somente uma narrativa linear, mas [sim] um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história” (Scott, 2011, p. 67). O que implica dizer que, para Scott (2011), a história das mulheres investiga o próprio modo como o termo “história” foi estabelecido e, por isso:

Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (Scott, 2011, p. 80).

À vista disso, Scott (2011) e Perrot (2007) entendem que a história das mulheres se ocupa (ou deveria se ocupar) da afirmação da distinção da cultura das mulheres, posto ser “[...] um campo inevitavelmente político” (Scott, 2011, p. 98). Marcador epistêmico também observado na maioria das produções dedicadas a refletir sobre a presença e a importância das mulheres no contexto da cultura escrita no Brasil.

## MULHERES E CULTURA ESCRITA NO BRASIL

Conforme anunciado anteriormente, a historiografia sobre as mulheres no Brasil não se apresenta de modo divergente àquela produzida no norte global<sup>2</sup>. Isso certamente decorre dos processos de colonização, mas, também, do fato de a história da mulher brasileira ser narrada por vozes majoritariamente masculinas e submetida, quase sempre, ao crivo de instituições e dispositivos de conhecimento geridos por homens. Não é de se surpreender, portanto, que até o séc. XIX, textos de religiosos, viajantes e governantes coloniais associavam as mulheres brasileiras ao pecado da carne e pouco ou quase nada se falava dela(s) como pessoa(s) pública(s) ou mesmo como produtora(s) de saberes “lógico-rationais”. Indubitavelmente, isso tem relação direta com a condição da mulher colonial que estava, quase sempre:

[...] submetida no interior de uma família patriarcal, em que o poder de chefia está totalmente concentrado na figura do pai, o senhor de engenho, detentor de uma autoridade absoluta sobre a esposa e os filhos (Bauer, 2001, p. 121).

Condicionantes que se mantiveram praticamente inalterados mesmo após a chegada da Família Real em terras brasileiras. Embora a vinda dos reis portugueses tenha conferido ares de sofisticação à nova sede da Corte, foram os homens que continuaram a escrever sobre e para as mulheres. Só para citarmos um exemplo, Jean-Baptiste Debret juntamente com o Conde de Suzannet encontraram espaço para publicar sobre a educação da mulher e seus afazeres no interior da família. Ao lado desses, podemos referenciar outros tantos textos de viajantes que relatam cenas e constroem pontos de vista específicos capazes de agenciarem a história e a representação das mulheres no Brasil, como é o caso das seguintes obras:

- *Voyage à la Cochinchine* (Barrow, 1807), com o capítulo *Les femmes à Rio de Janeiro*;
- *Les femmes et les mœurs du Brésil* (Expilly, 1863);
- *Voyage d'une femme* (Verdier, 1882);

<sup>2</sup> A expressão “norte global” é usada em todo o artigo tendo como referência Santos (2022).

- *Voyage et découvertes outre-mer au XIX<sup>e</sup> siècle* (Mangrin, 1863), com o capítulo *Vengeance de femme; Les femmes de Parahiba*, de Taunay.

Soma-se a essas o *Diccionario Biographico de Brasileiros celebres nas letras, artes, politica, filantropia, guerra, diplomacia, industria, ciencias e caridade*, de autoria de Manuel Francisco Dias da Silva que reuniu 103 biografias desses “brasileiros célebres”, de 1500 até 1871. Negligenciando nomes de mulheres, esse autor reafirma que o lugar de honra na cultura escrita no Brasil oitocentista era totalmente ocupado por homens.

Posteriormente, em 1878, Joaquim Manoel de Macedo – professor no colégio D. Pedro II – publicou pela Garnier, no Rio de Janeiro, o livro *Mulheres celebres*, obra que reúne a biografia de mulheres europeias e foi organizada com o objetivo de ser uma espécie de manual para professores (Macedo, 1878). A intenção do autor era, pois, produzir perfis biográficos adaptados à instrução primária de meninas da Corte que tinham o privilégio de frequentar a instituição. Com esse livro, as meninas seriam iniciadas nos hábitos de leitura e poderiam encontrar referências para se tornarem, também elas, mulheres “célebres”. Contudo, o que sobressai na obra de Joaquim Manuel de Macedo é o tom moralista, modelar e obsequioso de sua publicação. Mais um dos muitos textos sobre mulheres escrito a partir da perspectiva da dominação masculina<sup>3</sup>.

À profusão de textos escritos por homens se contrapõe, até as primeiras décadas do séc. XX, a escassez de obras de autoria de mulheres,

<sup>3</sup> Referência à obra de Pierre Bourdieu “A dominação masculina”, para quem os privilégios do homem em relação às mulheres fomentam relações de dominação e injustiças resultantes “[...] daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir)” (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

especialmente de textos sobre o Brasil. Razão pela qual não devemos negligenciar que a história das mulheres e da literatura feminina no país têm:

[...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas [...] a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que outras mulheres do mundo [...] quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa-grande [...] viviam aprisionadas, não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas [...] viviam numa servidão mais terrível do que as mulheres dos outros países, inclusive da Europa [sic] (Telles, 1997, p. 57).

Diagnóstico que pode ser complementado pela seguinte constatação: apesar da presença de escritoras ser observada no país “desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente deixada de lado pela crítica e pelos historiadores, chegando em muitos casos a desaparecer, como se nunca tivesse um dia existido” (Duarte, 2020, p. 333). Complementando sua argumentação, nossa interlocutora acrescenta: até “[...] as últimas décadas do século XIX, a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor masculino” (Duarte, 2020, p. 333). Não é sem razão, pois, que Marina Colasanti (1997) depreende que a literatura feminina só começou a ser percebida por aqui na segunda metade do século XIX, imbuída por um pensamento libertário que as mulheres começam a afirmar. Nesse cenário:

Reunidas ao redor das revistas para mulheres, como O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, Jornal das Damas, e A Mensageira, as escritoras visavam não apenas abrigar e desenvolver a mão-de-obra literária feminina, como lutar pela libertação dos escravos, por melhor educação e pelos direitos das mulheres [sic] (Colasanti, 1997, p. 38).

Mesmo em face disso, nas últimas décadas do século XIX e ainda nos primeiros anos do século XX:

[...] causava comoção uma mulher manifestar o desejo

de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo. Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que muitas vezes atravessaram os limites de suas cidades, de seus estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura (Duarte, 2011, p. 234-235).

Não obstante, em sua *História da Literatura Brasileira*, Silvio Romero cita apenas sete mulheres (Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e Jesuína Serra). De igual modo, Sacramento Blake, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, citou “pouco mais de cinquenta escritoras, para trezentos anos de literatura” (Pereira, 1954, p. 19).

Mas há a obra *Mulheres ilustres do Brasil*, publicada em 1899 e escrita por Inês Sabino (1835-1911). Esse livro “[...] foi pioneiro no resgate de mulheres que tiveram atuação significativa na sociedade brasileira” (Duarte, 2011, p. 238), especialmente por ser uma mulher falando sobre textos femininos. Nele são mencionadas 52 escritoras, prefigurando a “[...] tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres” (Araújo, 2000, p. 14), o que contribui de modo significativo para a história da escrita feminina brasileira e, também, para a reescrita da história cultural das mulheres no país.

Correlacionado a esse esforço de mapear escritoras no Brasil, na década de 1980, um grupo de pesquisadoras se reuniu para identificar e resgatar escritoras brasileiras do passado. De acordo com Duarte (2011), os maiores desafios do projeto se deram em decorrência da escassez de informações sobre essas mulheres e as obras publicadas por elas devido à fragmentação de dados que se observa nos acervos antigos no Brasil (organização, localização, conservação, sistemas integrados, entre outros). Apesar disso, o resultado do projeto foi a publicação em dois volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 2000), compilação que comprova a existência

de “[...] tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem ausentes da história literária nacional.” (Duarte, 2011, p. 241).

Ampliando essa observação, Duarte (2011, p. 237) enfatiza que as contribuições do projeto podem ser verificadas, ainda, em outras duas perspectivas complementares: i) naquilo que concerne à “construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país”; e, ii) na promoção do renascimento de algumas escritoras no âmbito da cena literária nacional, a saber: Nísia Floresta (1810-1885), Emília Freitas (1855-1908), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Adélia Fonseca (1827-1920), Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), Violante de Bivar Velasco (1817-1875), Inês Sabino (1835-1911), só para citar algumas. A partir disso, podemos ratificar que a historiografia das escritoras no Brasil revela um longo e sistemático processo de invisibilização e muitos casos de apagamento da memória e das obras de escritoras, artifício de poder responsável por mantê-las, por longa data, nas margens do cânone literário e da cultura escrita nacional. Objetivando problematizar esse quadro, discutimos nas próximas seções como a escrita bibliográfica colaborou com essa dominação masculina ao não conferir visibilidade à escrita de autoria feminina em bibliografias brasileiras.

## BIBLIOGRAFIA

Para Alfredo Serrai (2001), a Bibliografia é a mãe de todas as disciplinas que se ocupam em organizar e em estruturar as comunicações escritas, sejam do passado, sejam de hoje. Nesse sentido, inscrevem-se no campo da Bibliografia ciências e técnicas como a Paleografia, Arquivística, Diplomática, Documentação, Informática, Bibliologia, Biblioteconomia, Catalogação, Enciclopedística, Erudição Literária e Biográfica, entre outras. Modalidade ampla de compreensão que alude duplo sentido para a Bibliografia: i) trata-se de uma metadisciplina que engloba todas as disciplinas acima relacionadas; ii) diz respeito a um fazer repertorial vinculado à produção de listagens de informações sobre os documentos (Blum, 2007).

Enquanto disciplina, a Bibliografia acena para formas e ferramentas específicas de compreensão do conhecimento socialmente construído, a partir das

quais extrai de outras disciplinas elementos substanciais que são devolvidos a essas mesmas disciplinas após rigorosas validações teórico-metodológicas (Araújo; Araújo; Crippa, 2023). Ainda do ponto de vista disciplinar, a tradição bibliográfica e a agenda de pesquisa em Bibliografia<sup>4</sup> têm demonstrado a preocupação de retirá-la dos limites de práticas que, em certa medida, reduziram a riqueza simbólica historicamente a ela associada. (Araújo; Crippa; Saldanha, 2015).

Com relação ao seu segundo sentido, eminentemente vinculado à Cultura Escrita, a Bibliografia ganha acentuado interesse a partir dos sub-ramos denominados Bibliografia Repertorial e Bibliografia Material. O primeiro, dedicado à produção de listagens de informações sobre os documentos, diz respeito ao estudo das práticas e vestígios da cultura libraria<sup>5</sup> situados em tempo e espaços específicos.

4 Menção aos estudos mobilizados e desenvolvidos a partir do Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, criado em 2014 pelos pesquisadores André Vieira de Freitas Araujo (UFPR), Giulia Crippa (Universidade de Bolonha) e Gustavo Silva Saldanha (IBICT-UNIRIO). Tomando como horizonte estruturante das discussões questões históricas e contemporâneas da disciplina Bibliografia, os encontros, interdisciplinares em sua essência, têm se dedicado a pensar os livros, os documentos gráficos, a informação e a cultura bibliográfica a partir de novas abordagens científicas e tecnológicas. Todas as edições do fórum geraram a publicação de dossiers científicos em revistas da área da Ciência da Informação e podem ser acessados via web.

5 A cultura libraria compreende todo o universo de produção e usos do livro em suas mais diversas manifestações materiais, técnicas, conceituais e culturais. Diretamente oposto aos documentos de caráter arquivístico, o librario compreende um conceito ampliado do livro, não restrito exclusivamente ao códice ou ao texto, mas abrangendo também, sobretudo, as artes gráficas. Conforme Araújo (2014, p. 208), libraria “é uma expressão latina que significa ‘relativo aos livros’, ‘de livros’, ‘próprio dos livros’, ‘que se relaciona com o livro’. Compreende tudo o que é relativo aos livros, o que trata sobre livro, o que é o livro.”. Também está relacionada ao local onde o livro era produzido (taller librario) e às práticas e às técnicas que o materializam e, ainda, ao local de guarda dos livros – a biblioteca física (Araújo, 2017).

Nesse sentido, é possível indicarmos que as bibliografias repertoriais são estruturas indiciais que desempenham a função de mediar os documentos que repertoriam para os mais diversos públicos sem negligenciar os usos e modos de apropriação desses mesmos documentos na longa trajetória da história do livro e da escrita.

Por sua vez, a Bibliografia Material dá-se a ver, segundo Kirsop (2002) e Araújo e Reis (2016), como o estudo material dos textos, tendo por objetivo a realização de uma análise arqueológica dos documentos gráficos. Trata-se de um ramo antigo do campo bibliográfico fundamentado pela tradição bibliófila francesa e alemã, sobretudo, ao longo do séc. XVIII. Nele a materialidade dos textos exerce influência tanto na compreensão da trajetória dos documentos em diferentes contextos, quanto na produção de chaves interpretativas centradas em desvelar os possíveis sentidos que os leitores atribuem ao texto em função de sua materialidade e formas documentais (Chartier, 1998; Mckenzie, 2018). Não sem razão os métodos analíticos empregados pela Bibliografia Material são constantemente associados ao paradigma indiciário de (Ginzburg, 2011). Sobre essa afirmativa, Crippa (2010) esclarece que:

[...] o olhar de escolas históricas voltadas para uma pesquisa indiciária, como propõe Carlo Ginzburg, ou para os estudos de uma História Cultural, como no caso de Chartier, Darnton ou Burke, *apresentam perspectivas renovadas em estudos históricos sobre as atividades bibliográficas e de catalogação*, propondo abordagens inéditas de análise dos sistemas de produção, seleção, organização e mediação cultural de objetos já amplamente estudados: os livros, as coleções, os registros materiais que, em algum momento, se tornaram dignos de serem preservados e disseminados para a constituição da ciência moderna (Crippa, 2010, p. 15-16, grifo nosso).

Essas perspectivas renovadas que são enunciadas pela autora incidem, também, nas atividades conjuntas de coleta da documentação e organização das informações a ela atribuída (Bálsamo, 1998), mesmo que a Bibliografia mantenha seu fundamento básico, qual seja: mapear e selecionar textos úteis para os leitores.

À vista disso, a escrita bibliográfica é tratada aqui como o eixo omnidirecional e fundamental para a compreensão e problematização das escolhas e estratégias que modulam a produção de repertórios temáticos. Isso ficará mais evidente na próxima seção, a qual aborda a produção de documentos gráficos dedicados ao tema das Américas e seu posterior desdobramento em bibliografias brasileiras.

## DOCUMENTOS GRÁFICOS SOBRE AS AMÉRICAS

Em decorrência das demandas de produção e circulação de impressos no Oitocentos, a Bibliofilia inglesa e norte-americana, tal como aconteceu em outros países europeus, adotou práticas e usos próprios para a reconfiguração e a afirmação do colecionismo de documentos gráficos com vistas à manutenção de seu caráter de distinção. Isso pode ser observado, por exemplo, a partir da obra de Jonh Carter (1905-1975), *Taste and technique in book collecting*, na qual são sistematizadas e apresentadas práticas culturais fomentadas pela Bibliofilia em países de língua inglesa naquele momento histórico específico (Carter, 1948).

De modo geral, a partir do século XIX, é possível identificarmos três grandes práticas vinculadas ao colecionismo na Europa e nos Estados Unidos, a saber: i) a ampliação da produção e da oferta de impressos (livros, opúsculos, jornais, almanaques, guias, entre outros) para o grande público com objetivo de constituição de coleções pessoais não mais destinadas exclusivamente ao bibliófilo rico; ii) a apropriação, adaptação e ampliação dos critérios de raridade documental veiculados nas bibliografias do século XVIII; e iii) maior especialização das tipologias temáticas e documentais das Bibliografias de Livros Raros a fim de promover a Bibliofilia dos ricos, aquela tradicionalmente forjada na distinção. Foi vinculada a essas práticas que a produção comercial da Maggs Bros ganhou acentuado destaque.

Fundada por Uriah Maggs (1828-1913), a Maggs emergiu como livraria de livros antigos e raros em Londres, no ano de 1853, dedicada a atender às demandas da Bibliofilia do século XIX. Após a saída de Uriah do comando da loja, seus quatro filhos deram continuidade ao comércio antiquário de documentos gráficos, alterando o nome do empreendimento para Maggs Bros (Maggs Bros, 2021). Ativa até nossos dias, a livraria já publicou mais de 1.480 bibliografias temáticas de documentos raros (livros, opúsculos, cartas, mapas, obras de arte sobre papel e outros documentos gráficos – manuscritos e impressos), as quais demonstram não somente a capacidade de identificar, recolher e comercializar objetos raros como, também, o domínio da escrita técnica de Bibliografia de Documentos Raros e sua segmentação por grandes áreas temáticas de interesse do comércio bibliofílico.

Dentre as bibliografias da Maggs Bros (2021), a de número 546, publicada em 1930 com o título *Bibliotheca Brasiliensis*, foi consagrada aos impressos e manuscritos temáticos sobre o Brasil. Essa publicação, que compõe uma série de produções de bibliografias temáticas sobre regiões exploradas pelo norte global desde os séculos XV, movimentou o comércio antiquário no século XIX e início do XX.

Em termos de uma abordagem mais pormenorizada, esse número 546 apresenta como elemento decorativo da primeira e última pastas de sua encadernação uma xilogravura da caravela do explorador e navegador italiano Cristóvão Colombo (1451-1506) representando sua chegada ao Novo Mundo. Trata-se da reprodução de uma das gravuras que ilustravam as cartas de Colombo, as quais começaram a circular em formato manuscrito e impresso no final do século XV em muitos países da Europa. Isso se justifica porque:

A descoberta de um novo mundo além mar fez, entre tantas coisas, correr muita pena sobre papel [...] estes textos destinavam-se a leitores europeus que os buscavam avidamente, desejosos de conhecer as maravilhas vistas e as aventuras vividas por seus conterrâneos em terras tão misteriosas (Abreu, 2006, p. 227).

Em sua intencional conexão de Colombo (Americana) com o tema Brasileira, o catálogo 546 (*Bibliotheca Brasiliensis*) da Maggs Bros (2021) divulga a segunda carta do explorador apresentando a notícia bibliográfica seguida dos elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência e discurso) e os qualitativos de sua raridade (com destaque para a unicidade do documento). Incluída em uma edição comemorativa impressa em 1494, essa segunda carta de Colombo exalta dois grandes feitos ocorridos no ano de 1492 e atribuídos ao Rei da Espanha, Fernando II de Aragão (1452-1516), quais sejam: a reconquista de Granada (antes ocupada pelos Mouros) e a chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo.

O incunábulo é constituído por duas partes. A primeira, *In laudem serenissimi Ferninandii Hispaniar regis* (Figura 1) (Verardus, 1494), pode ser caracterizada como um drama escrito por Carlo Verardi [Carolus Marcellinus Verardus] (1440-1500). A outra é justamente a Segunda carta de Colombo, *De insulis nuper in mari indico repertis*, a qual foi ilustrada com um conjunto de xilogravuras (Figura 2) (Verardus, 1494).

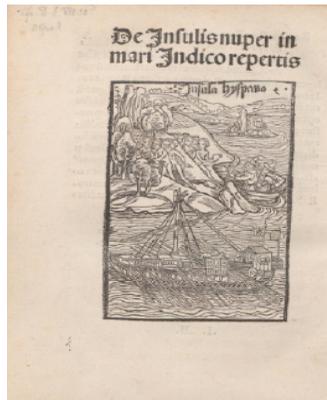
Conforme mencionado anteriormente, as cartas impressas de Colombo despertaram o desejo de posse de grandes colecionadores. Dentre os tipógrafos que as publicaram, destaca-se o alemão Johann Bergmann von Olpe (1455-1532), que possuía uma tipografia na Basileia (Suíça). As gravuras aqui apresentadas, contudo, não foram produzidas para a publicação de Bergmann von Olpe, elas já circulavam em outras edições, inclusive figurando como ilustrações da primeira carta impressa de Colombo (1493), *De insulis inventis* (Figuras 2), também um produto da tipografia de Johann Bergmann von Olpe.

Figura 1 – *In laudem serenissimi Ferdinandi Hispaniar regis*

a)



b)



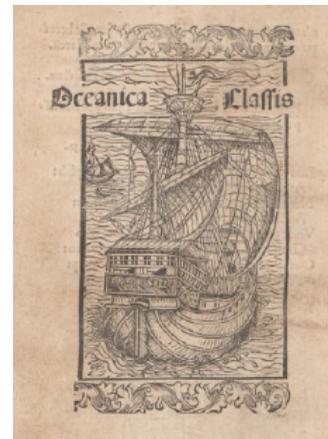
c)



d)

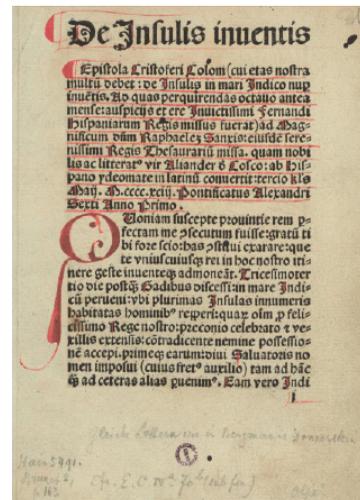


e)



a) Página de rosto  
b)-e) Xilogravuras  
Fonte: Verardus, 1494.

Figura 2 – Incunábulo da primeira carta de Colombo, *De insulis inventis*



Fonte: Colombo, 1493.

Essa Figura 2 representa a folha de rosto do referido impresso. Trata-se de um incunábulo e pela composição da página percebe-se que a construção tipográfica adotava ainda a *mise-en-page* dos manuscritos. O impresso é composto por dois bifólios e possui quatro xilogravuras impressas nos fólhos: 1v, 2v, 4r, 6v.

São as mesmas ilustrações que citamos anteriormente. Ultrapassa o escopo deste artigo identificar quais das gravuras são primeiras, segundas ou terceiras impressões, ou mesmo quais são réplicas ou cópias de matriz xilográfica. Contudo, interessa-nos chamar a atenção para a presença dessas ilustrações em publicações distintas como forma de demarcar a crescente valorização de textos (palavras e imagens manuscritas ou impressas) sobre o Novo Mundo.

Inscrita nesse plano de interesses, a segunda carta de Colombo citada anteriormente constitui-se na segunda notícia bibliográfica referenciada pela *Bibliotheca Brasiliensis* da Maggs Bros (2021). Indicativo de que, tal como em outros momentos históricos, as bibliografias continuavam a exercer a função de organizar e divulgar informações sobre documentos de diferentes naturezas produzidos em contextos distintos e com temáticas multivariadas. Esse também é o caso das Bibliografias Brasileiras, foco da próxima seção.

## BIBLIOGRAFIAS BRASILIANAS

Os documentos produzidos sobre o Novo Mundo estavam em sintonia com o imaginário europeu acerca do Brasil, o que despertava a atenção, o fascínio e o desejo de bibliófilos de grande parte do norte global, os quais tinham nas viagens de exploração e de investigação científica um polo gerador de novos itens colecionáveis. Viagens que, em sua maioria:

[...] Eram promovidas pelas grandes nações europeias e tinham como principais objetivos realizar trabalhos cartográficos, estudar fauna e flora, realizar observações astronômicas e meteorológicas, assim como calcular longitudes (Duarte, 2013, p. 284).

Nesse cenário, a prática de se organizar informações sobre o Novo Mundo em materiais bibliográficos passou a ser comum entre colecionadores, governantes e estudiosos. Como consequência, a temática americana foi introduzida nos grandes repertórios bibliográficos, mesmo não constituindo, em um primeiro momento, bibliografias exclusivas sobre as Américas.

Em face disso, desde o Séc. XV, é possível identificarmos bibliografias que arrolam documentos gráficos sobre as Américas, de modo geral, e o Brasil em particular. Citamos como exemplo a obra do livreiro francês Guillaume-François DeBure (1732-1782) – *Bibliographie instructive* ou *Traité de la connoissance des livres rares et singuliers* (1763-1768) –, na qual, dentre seus 7 volumes e suplemento, os documentos raros sobre o Brasil aparecem: a) no Tomo 2: na classe V (*História*), seção VI, parte II (*História Moderna*), dentro de *História da América ou das Índias ocidentais*; e b) no Tomo 5: na classe *História*, seção II (*Geografia*), parte II (*Viagens e Relatos*), parte VIII (*Grandes viagens*), na parte III (*História*).

Essa *Bibliographie instructive* não faz referência direta ao Brasil, mas inscreve o país em temas (do geral ao específico). Atualmente, pode-se perceber que muitos livros arrolados pelo repertório contêm relatos sobre o Brasil, mas que não foram, naquele momento, indicados por Debure (1763-1768).

De forma correlata, no Séc. XIX, Brunet (1860, 1865) incluiu em seu monumental repertório bibliográfico, *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, vários documentos gráficos relacionados ao Brasil, repertoriando seções específicas sobre o país e a temática, mas dentro e/ou associado a outros assuntos. Por exemplo, podemos citar o caso da classe Histoire:

- *Histoire*, subdivisão *Voyages*, subseção *Voyages en Asie, en Afrique et en Amérique*, na qual o Brasil está dentro da arte *Voyages en Afrique et en Amérique*.

- *Histoire*, subdivisão *Voyages*, subseção *Amérique méridionale ou centrale*, na qual constam notícias bibliográficas de documentos que têm em comum relatos de viagens de uma mesma região geográfica. Nessa subseção, há uma divisão específica para “i. Brésil; Guyane” (Brunet, 1860, v. 6, p. 1118).

A questão levantada aqui diz respeito à indexação de livros de brasileira em bibliografias da Bibliofilia, prática recorrente nos Sécs. XVIII e XIX, contudo, sem a produção de uma bibliografia específica sobre o Brasil. Essa produção particularizada se dará ainda no Séc. XIX impulsionada por novas incursões da cultura bibliofílica interessadas em garantir seu lugar de distinção, demandando a produção de bibliografias cada vez mais especializadas. Como exemplo disso citamos as seguintes obras de temática Americana que também arrolam impressos e manuscritos sobre o Brasil:

- *A bibliographical and historical essay on the Dutch Books*, Georg Michael Asher (1827-1905);
- *Bibliografia degli scritti italiani i stampati in Italia, sopra Cristoforo Colombo*, Giuseppe Fumagalli (1863-1939);
- *Bibliophile americain*, Charles Chadenat, (1859-1938);
- *Bibliotheca americana*, Charles Leclerc (1843-1889);
- *Bibliotheca americana*, Henry Harsisse (1829-1910);
- *Bibliotheca americana*, John Russel Smith (1810-1894);
- *Bibliotheca americana*, Joseph Sabin (1821-1881);
- *Bibliotheca lusitana*, Barbosa Machado (1682-1772);
- *Diccionario bibliographico portuguez*, Innocencio Francisco da Silva (1810-1876);
- *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, Jacques-Charles Brunet (1780-1867);

*Trésor de livres rares et précieux*, Johann Georg Theodor Graesse (1814-1885).

No Séc. XIX, notadamente na Europa e na América do Norte, além do crescimento de publicações gráficas, observamos um aprimoramento teórico-metodológico na produção de bibliografias, com destaque para as bibliografias especializadas como as nacionais (Reyes Gomez, 2010). Nesse cenário, a produção de bibliografias específicas de livros raros amplia seu escopo para além da Bibliofilia, posto atender, também, às demandas da Biblioteconomia e da Documentação. Conjunturas que nos permitem destacar dois contextos relevantes para se pensar o surgimento das Bibliografias Brasileiras no Séc. XIX, a saber: i) fatores associados ao imperialismo europeu com as explorações de países fora da Europa a partir das quais a ocupação e a exploração associava-se à produção (por artistas, cientistas, militares, escritores) de relatos de viagens, inventários da fauna, flora, costumes materializados em edições destinadas a colecionadores e a governantes; e ii) fatores associados ao fazer bibliográfico, que se torna cada vez mais especializado em função da produção de bibliografias nacionais.

Naquilo que nos interessa aqui, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra brasileira apareceu pela primeira vez em um dicionário da língua portuguesa no ano de 1863. Houaiss definiu “brasileira” como uma “[...] coleção de estudos, livros, publicações, filmes, músicas, material visual etc. sobre o Brasil” (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 508). A palavra é formada pela junção de “Brasil” com o sufixo “ana”. Esse sufixo tem a função de distinguir na língua portuguesa alguns grupos como os substantivos “[...] designativos de danças, coleções, coisas típicas dos referentes de nomes próprios (que potencializam milhares de nomes próprios antroponímicos ou toponímicos) como: americana, brasileira, camiliana, camoniana, franciscana, mexicana, pernambucana etc. (Houaiss; Villar; Franco, 2004, p. 198).

A partir do exposto, consideramos que “Brasileira” é o nome dado ao conjunto de objetos que, por possuírem características materiais e discursivas relativas ao Brasil, são ou podem ser constituintes ou indicarem pertencer a uma “coleção” consagrada ou relativa a esse tema.

Dentre as possibilidades tipológicas de e para a formação dessas coleções, há objetos das artes plásticas, artefatos arqueológicos, esculturas, pinturas e o universo dos documentos gráficos.

Tendo em vista a influência das bibliografias na definição da raridade e na formação de coleções bibliográficas raras (Araújo; Reis; Silveira, 2018), faz-se necessário destacar a herança da bibliofilia na formação de coleções de livros raros de temática Brasileira. Razão pela qual evocamos Rubens Borba de Moraes, tanto em decorrência de seu papel enquanto bibliógrafo, quanto por suas contribuições para o estabelecimento de conceitos relacionados ao campo da Bibliofilia, da Bibliografia e da Biblioteconomia no Brasil. Dito isso, Moraes (2005, p. 176) defende que, em sentido amplo, Brasileira refere-se a “[...] todos os livros que tratam do Brasil”. Entretanto, propõe uma divisão restritiva para se pensar coleções bibliográficas sobre o Brasil. Assim, o bibliófilo classificou os livros impressos fora do Brasil como Brasileiras e os livros impressos em terras brasileiras após a autorização para a instalação de casas tipográficas na colônia como Brasileenses. Desse modo, Rubens Borba de Moraes indica que:

Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem igualmente à Brasileira, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808 [...]).

Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias (Moraes, 2005, p. 176).

Os critérios, definições e recortes apresentados por Moraes foram formulados levando-se em consideração a prática bibliofílica, o que torna explícita sua filiação à Teoria e aos *axiomas* da Raridade<sup>6</sup>.

6 Conforme apontado por Araújo e Silveira (2018), os axiomas da raridade foram estabelecidos por Johannis Vogt (1695-1764), polímata e livreiro alemão que publicou, em 1732, a obra *Catalogvs histórico-criticvs librarvm rariorvm* no qual apresenta – além dos livros para serem comercializados – uma seção denominada *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*, um paratexto em que são apresentados os fundamentos compilados por ele para definir o livro raro, os quais foram estruturados em axiomas gerais e axiomas específicos. Isso posto, a difusão e a aceitação dos axiomas da raridade no contexto do colecionismo librário do Séc. XVIII

Razão pela qual, ao recolher e repertoriar documentos sobre o Brasil, esse autor definiu que o principal marco do processo de seleção consistiria em repertoriar livros e documentos procurados “[...] pelos colecionadores. Se um livro não é procurado pelos bibliófilos, nada vale como objeto de coleção” (Moraes, 2005, p. 183). Não é, pois, de modo inocente que ele transpõe essa mesma lógica para a definição do conceito de Brasileira:

A única restrição que se faz nessa massa considerável de papel impresso e de papel ilustrado (sem falar em manuscritos) é que não se considera Brasileira o que não é procurado por bibliófilos. A mesma distinção é feita em bibliofilia para assuntos semelhantes, tais como Americana, Orientalia, Judaica, etc. (Moraes, 2005, p. 176).

Moraes (2005) retoma, pois, a herança da bibliofilia para sustentar a construção do termo Brasileira. Não obstante, sem desconsiderar o legado da cultura bibliofílica, as coleções brasileiras extrapolaram esse universo muito em consequência da ação de instituições culturais, de ensino e de pesquisa que, a partir de distintos objetivos, custodiam acervos de Brasileira. Com isso, independente do recorte estabelecido (temático e/ou temporal, por exemplo), uma coleção Brasileira pode se manifestar enquanto (a) uma coleção de objetos gráficos físicos (uma biblioteca ou uma coleção editorial); (b) uma coleção digital (a partir de acervos físicos existentes ou formada por imagens natos digitais); (c) uma biblioteca sem muros, como são as bibliografias brasileiras; entre tantas outras manifestações gráficas.

Diante do exposto, a investigação por bibliografias de temática brasileira constituiu-se no primeiro passo do levantamento de dados, seguido da identificação de mulheres escritoras nesses repertórios. Ações realizadas conforme os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

“fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio de um sistema que determinava a raridade a partir de: a) níveis; b) elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência, discurso); c) qualitativos; e d) da Teoria da Raridade (um livro só é raro se for procurado por um bibliófilo)” (Araújo; Silveira, 2018, p. 83).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa bibliográfica e documental aqui realizada teve por foco identificar produções autorais de mulheres em 6 (seis) bibliografias de temática brasileira, as quais foram identificadas a partir do levantamento bibliográfico sobre o tema. Após a identificação das bibliografias, adotou-se os seguintes critérios de seleção de escritoras: (a) textos de autoria feminina; e (b) textos que passaram por processos editoriais. Pelo exposto, não foram selecionados documentos autógrafos ou mesmo textos manuscritos.

Quanto às traduções, as mulheres tradutoras foram inseridas – inclusive mulheres tradutoras de textos de autoria masculina. Foram incluídos, ainda, textos de mulheres traduzidos por homens, uma vez que o texto original é de autoria feminina.

## RESULTADOS PRELIMINARES

A partir do levantamento das bibliografias referenciais na temática brasileira<sup>7</sup>, a identificação de mulheres escritoras se deu a partir das seguintes obras:

- *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822* (Cabral, 1881);
- *Bibliografia brasileira do período colonial* (Moraes, 1969);
- *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro* (Camargo; Moraes, 1993);
- *Bibliographia brasiliana* (Moraes, 2010);
- *Bibliographie brésilienne* (Garraux, 1898);
- *Bibliotheca brasiliense* (Rodrigues, 1907).

<sup>7</sup> A realização desse levantamento levou em consideração os seguintes critérios: i) selecionar bibliografias especializadas na temática brasileira que repertoriavam documentos, manuscritos ou impressos, produzidos no exterior ou no Brasil; ii) não selecionar bibliografias que repertoriavam temas muito verticalizados, ou seja, centradas em uma única temática como as bibliografias dedicadas exclusivamente a referenciar textos literários; iii) não selecionar bibliografias que envolvam temas relacionados ao Brasil, mas que estão inseridas em uma temática mais ampla, por exemplo, a *Bibliotheca americana*, de Joseph Sabin –, dado que, apesar de ser uma bibliografia que referencia textos sobre o Brasil, engloba documentos de todas as Américas; e, iv) Inventários e catálogos, manuscritos ou impressos, que atenderem aos critérios acima podem ser selecionados para a pesquisa.

Os resultados iniciais da pesquisa, descritos na Tabela 1, apresentam o levantamento de dados realizados nas 6 (seis) bibliografias acima listadas e indicam os números totais do levantamento realizado. Nessa tabela, os dados referentes ao recorte temporal, notícias bibliográficas de autoria feminina e mulheres escritoras foram segmentadas por bibliografia. Para a apresentação dos dados, as seis bibliografias foram organizadas por ordem alfabética do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

Tabela 1 – Identificação de mulheres escritoras em Bibliografias Brasileira

n°	Autoria da bibliografia/ano de publicação	TÍTULO	Recorte temporal	Notícias bibliográficas	Notícias bibliográficas de autoria feminina	Mulheres escritoras
1	CABRAL, 1881	Annaes da Imprensa Nacional	1808-1822	1250	4	4
2	CAMARGO; MORAES, 1993	Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro	1808-1822	644	3	2
3	GARRAUX, 1898	Bibliographie brésilienne	1500-1898	1561	11	10
4	MORAES, 1969	Bibliografia brasileira do período colonial	1601-1822	765	9	3
5	MORAES, 2010	Bibliographia brasiliana	1504-1925	3349	48	27
6	RODRIGUES, 1907	Bibliotheca brasiliense	1492-1822	2646	6	5
		Total		10215	81	51

Fonte: Os autores, 2023.

O recorte temporal de cada bibliografia corresponde às datas iniciais e finais indicadas pelo(s) autor(es). No texto de apresentação da bibliografia de Moraes (2010), é indicado que a data final de cobertura é o ano de 1900, contudo, identificamos um texto de autoria feminina datado de 1925, por esse motivo a indicação do recorte temporal atribuído àquela Bibliografia na Tabela 1 não corresponde à datação indicada pelo autor.

Avançando na análise dos dados já levantados, foi possível identificar que há mulheres e textos que se repetem nas bibliografias consultadas. Desse modo, do quantitativo de 81 notícias bibliográficas, foram subtraídos 18 itens (por serem textos citados em mais de uma bibliografia), assim, o quantitativo final da conta de 63 notícias bibliográficas. O mesmo procedimento foi realizado com o quantitativo de mulheres escritoras, conforme indicado na Tabela 2:

Tabela 2 – Mulheres e textos nas Bibliografias Brasileira selecionadas

Categoria	Total 1	Repetições nas bibliografias	Total 2
notícias bibliográficas	81	18	63
mulheres escritoras	51	16	35

Fonte: Os autores, 2023.

A Tabela 3 apresenta tanto o quantitativo de escritoras por século, quanto o número de edições no período, além dos locais de publicações e nacionalidade de cada autora.

Tabela 3 – Escritoras, edições, local de publicação, nacionalidade

século	autoras	edições	período	Local de Publicação	Nacionalidade da autora
XVIII	6	12	1727-1793	Leipzig, Lisboa, Londres, Paris, Portugal	Brasil, França, Inglaterra, Portugal
XIX	28	50	1805-1897	Amsterdan, Anvers, Berlim, Boston, Evreux (França), La Flèche (França), Lisboa, Londres, Nova York, Paris, Praga, Rio de Janeiro (Brasil), Tours (França), Viena	Alemanha, Austria, Belgica, Brasil, França, Holanda, Portugal
XX	1	1	1925	Paris	França
Total	35	63			

Fonte: Os autores, 2023.

A identificação de escritoras foi dificultada por diversos fatores associados à escrita bibliográfica, tais como a grafia dos nomes das escritoras, a omissão do nome das escritoras e a própria diferença de grafia do nome em cada bibliografia. A quantificação das escritoras foi possível após detalhada conferência e tabulação de dados para excluir duplicidades ou erros de contagem.

No que se refere à escrita bibliográfica, é possível assinalar que, para além das variedades na grafia dos nomes das escritoras, a própria composição das entradas (notícia bibliográfica e notícia literária) apresenta diferenças entre as bibliografias, contudo, para a maioria das escritoras as entradas

não apresentam notícia literária. Um contraponto importante a esse fato, o qual, em certa medida, demarca a dimensão do apagamento que este artigo busca destacar, refere-se à constatação de que, em grande parte, as escritoras que possuem notícias literárias são aquelas que publicam com seus esposos. Ainda sobre o modo como as bibliografias articulam as informações referentes às escritoras, todas as 6 (seis) obras analisadas evocam a teoria da raridade e esse discurso reverbera nas citações e notas elaboradas para cada escritora. Avançamos nessa discussão nas considerações a seguir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados, foi possível observar que textos de autoria feminina sobre o Brasil só começaram a aparecer na cena pública no Séc. XVIII, sendo publicados exclusivamente no continente europeu. A maior concentração de escritoras e de edições se dá no Séc. XIX, possivelmente em consequência das viagens imperialistas do norte global, dos novos modos de produção industrial do livro, da maior presença das mulheres na sociedade e de um avanço em sua escolarização. Ademais, há que se indicar que a presença de mulheres escritoras brasileiras foi registrada apenas nos Sécs. XVIII e XIX. Em seu conjunto, os dados aqui apurados podem nos ajudar a responder às seguintes questões específicas: quem são essas mulheres? Quais fatores contribuíram para que elas fossem noticiadas nas bibliografias brasileiras pesquisadas?

Os desdobramentos impulsionados por essas questões, ainda em processo de desenvolvimento, serão apresentados em resultados de pesquisas futuros. Para o momento, e retomando as provocações de Virgínia Woolf, indicamos que os esforços para responder a essas questões pretendem “[...] acrescentar um suplemento à história [...]” (Woolf, 1985, p. 19) das mulheres escritoras a partir das bibliografias brasileiras por meio da investigação sobre as condições histórico-bibliográficas e os

fatores de ordem social, político e cultural que viabilizaram a citação de cada uma dessas mulheres nas bibliografias estudadas, indagando, ainda, por que muitas dessas mulheres foram/são silenciadas da memória bibliográfica nacional?

Assim observado, as formulações teóricas, os marcadores históricos e os resultados aqui apresentados reforçam uma constatação importante: o diminuto quantitativo de escritoras repertoriadas nas bibliografias analisadas comprovam que as mulheres foram postas à margem dos domínios da cultura letrada, sendo amplamente invisibilizadas no plano da escrita bibliográfica. No entanto, a verticalização da pesquisa (etapa ainda em curso), ao se deter sobre os aspectos que viabilizaram às escritoras aqui identificadas escaparem a esse processo de apagamento, certamente nos auxiliará a reposicionar a história dessas mulheres no cenário da memória escrita nacional e, também, referendar a necessidade de problematizarmos os critérios de formação, salvaguarda e divulgação das coleções brasileiras existentes no país. Com isso, talvez consigamos fazer justiça à história das mulheres garantindo que elas possam “[...] ali permanecer sem impropriedade [...]” como queria Virgínia Woolf (1985, p. 19).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 227-258.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2004.
- ARAÚJO, Andre Vieira de Freitas; ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CRIPPA, Giulia. *Panorama de la Historia del Libro y la Bibliografía*. Colômbia: Ediciones Uniandes, 2023. (no prelo).
- ARAÚJO, Andre Vieira de Freitas; CRIPPA, Giulia; SALDANHA, Gustavo. Em busca da Bibliografia: sobre o I Seminário Internacional ‘A Arte da Bibliografia’. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [s. l.], v. 11, n. especial, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/529>. Acesso em: 17 set. 2021.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. *Bibliofilia e livros raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na biblioteconomia e ciência da informação brasileira*. Orientador: Alcenir Soares Reis. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Tipologia do livro. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 208-228, out. 2014. ISSN 2237-8871. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n23p208>. Acesso em: 24 jun. 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, [s. l.], v. 7, n. esp, p. 183-201, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118770>. Acesso em: 2 set. 2019.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. *Informação & Informação (Online)*, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. O Livro Raro na Biblioteconomia Brasileira: influências, impactos e delimitações dos discursos da Bibliofilia nas práticas profissionais e institucionais. In: *Seminário Internacional Cultura Escrita no Mundo Moderno*, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019. v. 1, p. 80-87. Disponível em: [https://iluminuras.art.br/docs/Anais\\_SICEMM.pdf](https://iluminuras.art.br/docs/Anais_SICEMM.pdf). Acesso em: 2 dez. 2022.

ARAÚJO, Nara. Do vazio e do silêncio. In: MUZART, Zahid Lupinacci. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*, v. 1. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BALSAMO, Luigi. *La bibliografía: historia de una tradición*. Espanha: Ediciones Trea, 1998.

BARROW, John. *Voyage à la Cochinchine par les îles de Madère, de Ténériffe et du Cap Verd, le Brésil et l'île de Java?*. Paris: [s. n.], 1807. 2 v.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Pulsar, 2001.

BLUM, Rudolf. *Bibliografía: indagine diacroniche sul termine e sul concetto*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie, 1860-1865. 6 v.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1881.

- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro: 1808-1822*. São Paulo: EDUSP: Kosmos, 1993. 2 v.
- CARTER, John. *Taste and technique in book-collecting: a study of recent developments in Great Britain and the United States*. Cambridge: University Press, 1948.
- CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 33-42.
- COLOMBO, Cristoforo. *Epistola de insulis nuper inventis*. Basel: Michael Furter? für Johann Bergmann von Olpe: Jacob Wolff von Pforzheim? für Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [10] Bl. : Ill.; 4°, AN V 57, apr. 1493. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-15171>.
- CRIPPA, Giulia. Entre ciência e humanidades: o problema da ordem da memória da/para a Ciência da Informação. *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: IBICT, 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/40>. Acesso em: 17 set. 2021.
- DEBURE, Guillaume-François. *Bibliographie instructive: ou, Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*. Paris: Guillaume-Francois De Bure le Jeune. 1763-1768. 7 v.
- DUARTE, Constância de Lima. Arquivo de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.) *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 234-241.
- DUARTE, Constância de Lima. E a literatura mineira se amplia. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, ano 99, v. 80, p. 333-337, 2020. ISSN 1982-6680.
- DUARTE, Regina Horta. Panoramas litorâneos, fronteiras e interiores brasileiros: Mello Leitão e os itinerários viajantes. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 279-297.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993-1995. 5 v.
- EXPILLY, Charles. *Les femmes et les mœurs du Brésil*. Paris: Charlier et Huillery, Éditeurs. 1863.
- GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil 1500-1898*. Paris: Chadenat; Jablonski, Vogt et Cie, 1898.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 143-179.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.
- KIRSOP, W. Bibliographie matérielle. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. *Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v. 1, p. 275-276.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Mulheres célebres*. Rio de Janeiro: B. L: Garnier, Livreiro Editor, 1878.
- MAGGS BROS. *Rare books and manuscripts*. Londres: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.maggs.com/>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- MANGRIN, Arthur. *Voyages et découvertes outre-mer au XIX<sup>o</sup> siècle*. Tours: Ad Mame et Cie, Imprimeurs-Libraires, 1863.
- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros no período colonial*. 1. ed. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2010.
- MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas*. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MUZART, Zahide Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed. rev. Florianópolis, SC: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. *Revista Anhemê*, São Paulo, ano 5, v. 17, n. 49, dez. 1954.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- REYES GÓMEZ, Fermin. *Manual de bibliografia*. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.
- RODRIGUES, J. C. *Biblioteca brasilienses: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscritos pertencentes a J. C. Rodrigues [...]*. Rio de Janeiro: Typografia do 'Jornal do Comercio' de Rodrigues e C., 1907.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. São Paulo: Boitempo, 2022.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.

SERRAI, Alfredo. *II cimento dela bibliografia*. Milano: Sylvestre Bonnard, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy. (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 57-63.

VERARDUS, Carolus. *Historia Baetica: De insulis nuper in mare Indico repertis*. Basel: Johann Bergmann von Olpe. Universitätsbibliothek Basel, [38] Bl. : Ill.; 4°, AN V 76:2, 1494. DOI: <https://doi.org/10.3931/e-rara-10932>.

VERDIER, Marthe. *Sur les rives de l'Amazone: Voyage d'une femme*. Paris: Librairie CH, Delagrave. 1882.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.